



## **Hanseníase: marcas de um passado que ainda vive<sup>1</sup>**

Emerson VIANA<sup>2</sup>

Bruno SAES<sup>3</sup>

Gleyce MIRANDA<sup>4</sup>

Natália OLIVEIRA<sup>5</sup>

Ms. Marcelo CARDOSO<sup>6</sup>

Universidade de Santo Amaro, São Paulo, SP

### **RESUMO**

A pesquisa gerou conhecimentos sobre o tema para a produção de documentário radiofônico que aborda a história da hanseníase, os aspectos clínicos e dialoga com autores que analisaram o preconceito, como o sociólogo Erving Goffman, pesquisador do estigma. Consideraram-se ainda estudos sobre inconsciente coletivo do psiquiatra Carl G. Jung. No trabalho de campo, entrevistaram-se pacientes do Hospital de Reabilitação Dr. Arnaldo Pezutti Cavalcanti, em Mogi das Cruzes (SP), dermatologistas, psicólogos e psiquiatras. Para compreender o preconceito contra o portador da doença, utilizou-se de uma pesquisa exploratória com amostra da população do bairro de Santo Amaro (SP). Constatou-se que a falta de esclarecimento contribui para a perpetuação do estigma e do preconceito. Considera-se, então, o Rádio, pelas características intrínsecas, o meio ideal para se transmitir tais informações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Carl Gustav Jung; hanseníase; inconsciente coletivo; preconceito; rádio.

### **INTRODUÇÃO**

O Brasil é, desde 2009, o primeiro país do mundo em prevalência de hanseníase: 21,94 casos a cada 100 mil habitantes. Segundo o boletim epidemiológico da Organização Mundial da Saúde (OMS) – disponível no endereço <http://www.who.int/wer/2010/wer8535.pdf><sup>7</sup> –, divulgado em agosto de 2010, foram registrados mais de 37 mil novos infectados no ano de 2009.

A gravidade expressa por esse elevado índice de ocorrências é intensificada quando se considera o fato de que o país se comprometeu a erradicar a doença, isto é, a diminuir o

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Jornalismo, modalidade Documentário em áudio.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e graduado em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, email: emer\_viana007@hotmail.com.

<sup>3</sup> Graduado em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, e-mail: brunossaes@hotmail.com.

<sup>4</sup> Graduada em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, e-mail: gle\_bsbs@hotmail.com.

<sup>5</sup> Graduada em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, e-mail: nopsousa@gmail.com.

<sup>6</sup> Orientador do trabalho: Professor do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, e-mail: cardosounisa@yahoo.com.br.

<sup>7</sup> Acesso em 22 de Março de 2011.



número de pessoas contaminadas para um caso a cada 100 mil habitantes, por diversas vezes. Um dos acordos firmados com a OMS assinala que o Brasil precisava alcançar esse índice até 2005. Depois, o prazo foi estendido para 2010 e, agora, a moléstia precisa ser extirpada até 2020.

É preciso observar que a hanseníase, conhecida também por nomes como morfeia, mal de Hansen ou mal de Lázaro, é causada pelo bacilo *Mycobacterium leprae*. A transmissão ocorre por vias aéreas (tosse, espirro ou perdigotos de saliva), mas estima-se que 90% da população tenham resistência à bactéria. Desse modo, é possível que uma pessoa contraia a doença e, por ações do organismo, cure-se sozinha sem sequer perceber.

A enfermidade em questão pode ser clinicamente classificada em quatro tipos, sendo a *virchowiana* (bacilífera) e a *dimorfa* as passíveis de contaminação. Os indivíduos que as portam não podem transmitir a bactéria se estiverem tomando os respectivos remédios. Este fato limita o poder de propagação e indica que a erradicação da hanseníase no Brasil não é impossível.

Mesmo com a possibilidade de controle das reações desde a década de 1940, quando foram descobertos os primeiros remédios, a enfermidade segue se espalhando pelo país e originando estigmas, o que dificulta a aceitação dos pacientes na sociedade. Doença milenar, antigamente denominada lepra e conhecida por causar sérias lesões físicas, ela carrega toda uma história de medo, lendas religiosas, sofrimento, isolamento e preconceito, sendo ainda vista por muitos como incurável.

Escritos que datam aproximadamente 1.350 a.C. indicam que, além de sofrer com a falta de tratamento, os portadores do mal de Hansen eram marcados como impuros e vistos com repulsa pela sociedade da época. Hoje, a enfermidade pode ser curada com medicamentos e acompanhamento ambulatorial. Além disso, o indivíduo pode ficar livre de marcas no corpo se a doença for tratada em seu estágio inicial.

Para atender as exigências internacionais o Brasil disponibiliza atualmente medicamentos na rede pública e centraliza planos de eliminação da doença no Programa Nacional de Controle de Hanseníase (PNCH). Apesar disso, os doentes permanecem sendo vítimas do preconceito e abandono e são poucas as ações para acabar com o visível isolamento social, principal causa dos ditos problemas psicossociais e da não reintegração à sociedade daqueles que passaram a maior parte da vida nos asilos colônias.

O PNCH conta, ainda, com o auxílio da organização não-governamental Movimentação de Reintegração de Pessoas Atingidas pela Hanseníase (Morhan), criada em 1981, representante nacional do controle social e da mobilização política em prol dos



direitos de portadores do mal de Hansen. A entidade é responsável por realizar reuniões em centros de saúde, palestras e outras ações em escolas, associações, sindicatos, centros comunitários, movimentos e igrejas. Os trabalhos, que têm o objetivo de atenuar o preconceito e a exclusão social, por meio da reintegração dos hansenianos, são tardios e ainda muito poucos se comparados ao número de doentes no Brasil.

## **OBJETIVO**

O objetivo deste estudo, considerando o cenário do preconceito e estigma contra os doentes, é trazer à tona – por meio da produção de um documentário radiofônico - as raízes deste mesmo preconceito. Em uma perspectiva mais ampla, a principal contribuição é apresentar a possibilidade de um convívio social saudável entre hansenianos e sociedade, na medida em que é notável o avanço da medicina no tratamento e cura dos doentes. Além do mais, esclarecimentos de profissionais, como psicanalistas, por exemplo, elucidam as origens do estigma e ajudam a reduzir o preconceito, avançando assim na erradicação da exclusão dos portadores do mal de Hansen.

Finalmente, há ainda o intuito de trabalhar em parceria com o Morhan, que terá em seu site o trabalho radiofônico desenvolvido que poderá ser convertido no formato *podcast*. O objetivo é fornecer à ONG mais uma ferramenta de combate ao preconceito por meio da abordagem do tema.

## **JUSTIFICATIVA**

As características do rádio como meio de transmissão de conhecimento motivaram a escolha do formato radiodocumentário. Além de ser um meio de comunicação quase universal, que percorre o planeta com suas ondas em uma fração de segundos, o rádio traz um mundo de informações para aqueles que não sabem ler, além de ser capaz de produzir imagens mentais nos ouvintes, inclusive naqueles que não enxergam, como destaca MCLEISH:

Mais acessível do que os livros, o bom rádio traz sua própria ‘biblioteca’, de especial valor para os que não podem ler – analfabetos, cegos, pessoas que por qualquer motivo não têm acesso à literatura em sua própria língua (MCLEISH, 2001, p. 17).

Trata-se de um meio de comunicação de massa, instrumento que pode chegar a cada lar, vila, cidade e país que esteja ao alcance de seu transmissor. O rádio apresenta, ainda, a capacidade de eliminar barreiras e aproximar pessoas, mesmo que estejam separadas por



milhares de quilômetros. “Pode juntar os que se encontram separados pela geografia ou pela nacionalidade – ajuda a diminuir outras distâncias de cultura, aprendizado ou *status*” (MCLEISH, 2001, p.16-17).

A difusão das informações por meio do rádio é fundamental para a transmissão de conhecimentos sobre a hanseníase, pois, dependendo da capacidade do transmissor, pode atingir brasileiros das várias regiões do país, unindo-os em uma causa, mostrando a gravidade do problema aos que desconhecem e esperança aos que sofrem com a doença.

Obedecendo às regras da capacidade do transmissor, atividades de manchas solares, interferência de canal e sensibilidade do receptor, o rádio pode trazer liberdade para os oprimidos e luz para os que estão nas trevas (MCLEISH, 2001, p.17).

O avanço da tecnologia é outro fator que faz com que o rádio amplie a sua capacidade de atingir as diversas camadas da sociedade. Hoje, é possível ouvir rádio através de aparelhos celulares, portáteis ou até mesmo pela internet. O rádio, portanto, é capaz de proporcionar ao ouvinte e à sociedade inúmeras contribuições. Utilizando-se novamente dos conhecimentos de Robert McLeish (2001, p.20), destacam-se alguns dos benefícios que a veiculação de informações por este meio poderia trazer ao problema da falta de conhecimento acerca da hanseníase e do preconceito:

- Ajuda a resolver problemas, agindo como fonte de informação e aconselhamento, seja diretamente com o acesso pessoal ao programa, seja de um modo geral, indicando fontes adicionais de auxílio.
- Amplia a “experiência” pessoal, estimulando o interesse por assuntos, eventos e pessoas antes desconhecidos.
- Contribui para o autoconhecimento e para a conscientização, oferecendo segurança e apoio.
- Atua como multiplicador, acelerando o processo de informar a população.
- Facilita o diálogo entre indivíduos e grupos, promovendo a noção de comunidade (MCLEISH, 2001, p. 20-21).

O elemento crucial do radiodocumentário é o ser humano; portanto, deve-se realçar a motivação e ajudar o ouvinte a compreender certas decisões e comportamentos (MCLEISH, 2001). Dessa forma, a ideia é verificar como, apesar do avanço da medicina e de campanhas para erradicação do mal de Hansen, a imagem negativa criada ao longo dos anos ainda gera problemas para a socialização dos doentes.

É importante mostrar à população que os doentes em tratamento podem ter uma vida social sem que transmitam a doença, assim como apresentar, do ponto de vista da psicanálise, o inconsciente coletivo como agente direto na formação do preconceito.

Sabendo que a hanseníase é postulada como um problema de saúde pública, a pesquisa tenta entender o nascimento dos estigmas e visualizar como eles se desenvolvem em sociedade no inconsciente coletivo. Em linhas gerais, a questão problema é: por que, ainda que sem intenção, as pessoas constroem imagens da doença e de seus portadores, da mesma forma que faziam os seus antepassados, se hoje existe cura para o mal?

A presente pesquisa toma como ponto de partida a hipótese de que o estigma carregado pelos hansenianos é resultado de arquétipos, explicados pela psicologia como imagens herdadas de ancestrais que fazem com que os indivíduos ajam sem prévia reflexão. Tais predisposições estão presentes no inconsciente coletivo e, apesar de não serem os únicos fatores, prejudicam a aceitação dos portadores de hanseníase na sociedade.

Para entender tais mecanismos da mente humana, recorreu-se a estudos de autores como o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung. Também observou-se pesquisas do sociólogo e escritor canadense Erving Goffman, que explorou o conceito de estigma em *Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada* (1991). Utilizou-se ainda uma entrevista face-a-face com o analista junguiano Carlos Amadeu Botelho Byington, que se especializou em psiquiatria e psicanálise, e, em 1965, graduou-se pelo Instituto Jung, em Zurique, para maior compreensão sobre o assunto. Obras como *O Preconceito* (Dallari, 1997), que reúne o conteúdo de um simpósio com autores de diversas áreas, ajudaram na apresentação dos pilares da discriminação e de suas difusões.

A história da hanseníase é marcada pela exclusão e pelo isolamento de seus portadores em asilos colônias e nos chamados leprosários. Com a ocorrência de surtos na Europa, o afastamento social figurou como a única alternativa para o controle da enfermidade. Entretanto, os anos passaram, descobriu-se a cura e o modelo de exclusão foi mantido por mais tempo do que deveria.

Toda essa questão de separação social, preconceito e falta de uma política de reintegração após a alta trouxeram consequências negativas à vida das pessoas afetadas pela doença. Para contar essa história e tentar entender os efeitos deste preconceito no inconsciente coletivo dos portadores, os autores recorreram a fontes bibliográficas e a entrevistas com médicos especializados, pacientes recentes e aqueles que foram ou ainda são moradores de asilos colônias do estado de São Paulo.

Um dos principais autores utilizados para contar a história e a origem da hanseníase, além dos estigmas na sociedade, foi Cleuza Panisset Ornellas, que apresenta aspectos históricos do surgimento do mal de Hansen e práticas de isolamento em sua obra *O Paciente Excluído: História e Crítica das Práticas Médicas de Confinamento* (1997). A



autora faz uma análise crítica de tais condutas e de como o paciente hanseniano era tratado desde os primeiros relatos sobre a doença até os tempos mais modernos, quando a enfermidade se instala no Brasil.

## **MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

A pesquisa realizada pelos autores é qualitativa, pois não se procura medir, mas compreender um problema específico, e tem o Centro Especializado em Reabilitação Doutor Arnaldo Pezzuti Cavalcanti, antigo asilo colônia Santo Ângelo, localizado em Mogi das Cruzes, região leste da Grande São Paulo, como principal campo de estudo. Inaugurado em 3 de maio de 1928, o local foi o primeiro do gênero no país, com arquitetura inspirada nos moldes americanos, em um esquema que simulava uma pequena vila onde áreas eram reservadas à agropecuária, ao lazer, entre outras atividades que pudessem camuflar as grades que separavam os pacientes da sociedade.

Enquanto alguns foram internados à força pela Lei da Compulsória, norma que delegava à Polícia Sanitária o poder de caçar e levar suspeitos hansenianos aos asilos, outros chegaram ao Santo Ângelo em busca de um tratamento e passaram o resto da vida na colônia. Os dois grupos de pacientes se sentem excluídos socialmente e figuram entre as principais fontes de informação da pesquisa.

A fim de deixar essas pessoas mais desinibidas e confortáveis, optou-se por entrevistas despadronizadas e não estruturadas. As entrevistas com pacientes, médicos e envolvidos no tratamento de hansenianos – todas face-a-face – e a análise das informações colhidas nas conversas foram realizadas com o objetivo de se extrair histórias de vida que contassem como era o tratamento no período de isolamento e como essas pessoas lidam com a exclusão social e o abandono nos dias de hoje. Primordiais nesse momento, as entrevistas com psicólogos e psicanalistas, como o médico psiquiatra e analista junguiano Carlos Amadeu Botelho Byington, contribuíram para aprofundar o entendimento desses sentimentos confidenciais pelos pacientes.

Com o auxílio do psicanalista Carlos Byington, colheu-se dados por meio de um questionário dirigido à população em geral. O profissional deu orientações acerca de como apresentar os arquétipos, presentes no inconsciente coletivo, nas perguntas dirigidas à sociedade. Por ter sido utilizado apenas como complemento à pesquisa, o questionário não tem pretensões de medições científicas.



Entrevistaram-se 30 pessoas, com idades variadas, na zona sul de São Paulo. Perguntou-se quais imagens lhes vinham à mente com a palavra “lepra”. Com as respostas, conclui-se que a maioria relaciona “lepra” à sujeira, castigo e descamações de pele.

No mesmo questionário, perguntou-se se essas pessoas sabiam o que era “hanseníase”. A maioria não soube responder e demonstrou uma ideia equivocada sobre a doença, confundindo-a até mesmo com uma enfermidade sexualmente transmissível. Poucos entrevistados fizeram uma ligação entre hanseníase e lepra. Pode-se perceber que é latente a falta de informação sobre a doença e o seu real estado de tratamento atualmente, o que, conseqüentemente, gera desordem e abre espaço para a propagação do preconceito.

Parte do questionário também foi usada na produção do radiodocumentário como uma enquete (fala-povo), ou seja, um levantamento de opiniões da população para ilustrar a carência de informação sobre a hanseníase.

## **DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

Realizou-se um radiodocumentário sobre o tema a fim de atingir principalmente as parcelas mais carentes do país, aquelas que sofrem com casos de hanseníase e, dessa forma, esclarecer que a doença tem tratamento, cura e ressaltar que o preconceito deve ser combatido em todas as suas raízes.

A peça radiofônica faz uma abordagem histórica sobre a doença, traz informações sobre contágio, tratamento e cura. Discute o preconceito e estigma em torno da imagem sobre portador do mal de Hansen, além de apresentar relatos de ex-portadores da doença e doentes que vivem na instituição que foi palco para o trabalho de campo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Observou-se, por meio deste trabalho, que as pessoas ainda carregam em seu inconsciente imagens preestabelecidas sobre a antiga lepra. O preconceito e o estigma contra os portadores de hanseníase, confirmados durante a execução da presente pesquisa, mostram-se ainda mais perceptíveis quando a doença é relacionada à antiga lepra. Notou-se que a palavra provoca fortes sentimentos de repulsa e medo; além do que, a falta de informação ajuda na propagação dessas imagens no inconsciente coletivo.

A mudança da terminologia de lepra para hanseníase, ideia do médico e pesquisador brasileiro Abraão Rotberg, foi proposta para que os pacientes não fossem vítimas dos conceitos negativos trazidos pela doença. Porém, isso prontamente se desfaz porque a

maioria das pessoas desconhece ou pouco sabe sobre a enfermidade, fazendo com que o mal precise ser novamente relacionado à lepra.

Segundo o psicanalista Carlos Amadeu Botelho Byington, entrevistado pelos autores desta pesquisa, o preconceito e o estigma sempre existirão. Ele ressalta, no entanto, que trazer a hanseníase para o grupo de doenças suscetíveis ao homem e tirar dela características como pecado, podridão e pobreza podem amenizar este cenário.

Em termos práticos, uma das soluções seria o governo investir em campanhas informativas nacionais frequentes. Dermatologistas explicam que a hanseníase continua sendo confundida com doenças de pele e neurológicas. Foi consenso entre os profissionais entrevistados que a imprensa pode exercer importante papel para a diminuição dos estigmas, na medida em que se dispuser a veicular características da enfermidade, bem como os tratamentos. Percebe-se, atualmente, que as notícias relacionadas à hanseníase se restringem às campanhas do governo e às ações de organizações não-governamentais.

Diante desse contexto, torna-se necessário a popularização de informações acerca da doença entre comunicadores e profissionais da imprensa, uma vez que a mudança de terminologia não é respeitada em alguns veículos de comunicação, que ainda se referem aos doentes como leprosos e identificam o mal de Hansen como lepra, colaborando para a perpetuação de estigmas. Entende-se que, apenas após o processo de capacitação desses profissionais, será possível a multiplicação de informações corretas sobre o assunto.

Em relação a portadores e ex-portadores do mal de Hansen, verificaram-se dois quadros: enquanto os pacientes internados nos asilos-colônias se mostram mais conformados com o isolamento e conseqüente preconceito, os doentes que não foram ou não vivem mais internados desenvolveram uma consciência social e hoje lutam por seus direitos, além de melhores condições no tratamento e na prevenção do mal.

Apesar disto, todos ainda sofrem com o preconceito e o estigma milenar da doença, explicados por Byington como uma resposta à imagem da enfermidade, sinônimo de pecado, podridão e sujeira. A relação feita entre a doença e a impureza, tanto física como espiritual, continua enraizada no inconsciente coletivo da humanidade. O psiquiatra Carl Gustav Jung (1987) explica que é dessa parte da inconsciência que nascem formas idênticas e cristalizadas de se pensar, percebidas em diferentes épocas.

Desta forma, observa-se que qualquer hanseniano, independente da época, internado ou não, segue sendo isolado pela sociedade. Enquanto no passado isso ocorria de forma física e obrigatória, no presente, a exclusão se dá no inconsciente e de maneira camuflada.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUVRAY, Kátia. **A Cidade dos Esquecidos: A vida dos hansenianos num antigo leprosário do Brasil.** Itu: Ottoni, 2005.

BRASIL. FARIA DE SÁ, Arnaldo. Projeto de Lei 7256/2010, de 04 de maio de 2010. **Solicita pensão especial, mensal vitalícia e intransferível às pessoas atingidas pela hanseníase e que apresentem sequelas comprovadas por atestado médico.** Câmara dos Deputados, São Paulo. Disponível em: [http://www.camara.gov.br/sileg/Prop\\_Detalhe.asp?id=475391](http://www.camara.gov.br/sileg/Prop_Detalhe.asp?id=475391)>. Acesso em: 09 de Out. de 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Guia de Procedimentos Técnicos para Baciloscopia em Hanseníase.** Brasília, 2009. 44 p. Disponível em: <[http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/guia\\_tecnico\\_para\\_baciloscopia\\_29\\_12\\_09.pdf](http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/guia_tecnico_para_baciloscopia_29_12_09.pdf)> Acesso em: 30 de mar. 2010.

\_\_\_\_\_. Departamento de Vigilância Epidemiológica. **Hanseníase no Brasil: dados e indicadores selecionados.** Brasília, 2009. 66p.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Políticas de Saúde. **Guia para o controle da hanseníase.** Brasília, 2002. 89p.

CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao Corpo e Sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo.** São Paulo: Annablume: Fapesp, 2007.

\_\_\_\_\_. **I Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais em Coimbra.** Portugal: Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia, Universidade Coimbra. Disponível em: <[http://www.lfg.com.br/public\\_html/article.php?story=2007060610153140](http://www.lfg.com.br/public_html/article.php?story=2007060610153140)>. Acesso em: 24 de outubro de 2010.

COSTA, Ana Paula Silva da. **Asilos Colônias Paulistas: Análise de um modelo espacial de confinamento.** 2008. 415 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

DALLARI, Abreu et al. **O Preconceito.** São Paulo: Publicação de Imprensa Oficial do Estado, 1997.

DANIEL-ROPS, Henri. **A Vida Diária nos Tempos de Jesus.** Vida Nova, 1999.

FELICIANO, Marilene Moreira. **Resgate histórico do leprosário Asylo Colônia Santo Ângelo,** 2008. 152 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP, São Paulo, 2008.

GARCIA, Wilton; LYRA, Bernadette. **Corpo & Imagem.** São Paulo: Editora Arte & Ciência, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada.** 4ª ed. Rio de Janeiro: LCT, 1891.

GOLDENBERG, Mirian. **Nu & Vestido.** 2ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do Inconsciente.** 5ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.



- \_\_\_\_\_. **Os Arquétipos e o Incosciente Coletivo**. 3ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2003.
- MALYSSE, Stéphane. **Em busca dos (H) alteres-ego**: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.
- CHAUÍ, Marilena et al. **O Preconceito**. São Paulo: Publicação de Imprensa Oficial do Estado, 1997.
- MCLEISH, Robert. **Produção de rádio**: um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo: Summus, 2001.
- MONTEIRO, Yara Nogueira. **Da maldição divina à exclusão social**: Um estudo da Hanseníase em São Paulo. 1995. 492 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
- OLIVEIRA, Maria Helena Pessini de. **Reações Emocionais dos Hansenianos Portadores de Deformidade Física**. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo Hansen, 1990. Disponível em <<http://www.ilsl.br/revista/index.php/hi/article/viewFile/689/667>>. Acesso 19 abr. 2010.
- OPROMOLLA, Diltor Vladimir Araújo. **Apostila de Noções de Hansenologia**. Centro De Estudos Dr. Reynaldo Quagliato, Bauru – São Paulo, 2000. Disponível em: <[http://hansen.bvs.ilsl.br/textoc/livros/OPROMOLLA\\_DILTOR\\_nocoos/PDF/apres.pdf](http://hansen.bvs.ilsl.br/textoc/livros/OPROMOLLA_DILTOR_nocoos/PDF/apres.pdf)>. Acesso em: 02 abr. 2010.
- ORNELLAS, Cleuza Panisset. **O Paciente Excluído**: História e Crítica das Práticas Médicas de Confinamento. Rio de Janeiro: Revan, 1997.
- SABINO, Cláudia de Vilhena Shayer et al. **IV Seminário Internacional Sociedade Inclusiva**. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.sociedadeinclusiva.pucminas.br/sem4/145.pdf>>. Acesso em 06 de Out. de 2010.
- SASSAKI, Romeu Kazumi. Terminologia Sobre Deficiência. *Revista Nacional de Reabilitação*, São Paulo, n. 24, p. 6-9, jan.fev. 2002.
- SILVEIRA, Nise da. **Jung**: Vida e Obra. Rio de Janeiro: 6ª ed. Paz e Terra, 1978.
- SILVA, Luciene M. O Estranhamento Causado Pela Deficiência: Preconceito e Experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.33, p.426-427, set.dez. 2006.
- VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. **Mitos Gregos**. 1ª ed. São Paulo: Centro de Recursos Educacionais, Objetivo, 2007. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/2176458/mitos-gregos>> Acesso em: 19 abr. 2010.